

## Editorial

PROBLEMAS  
SEM FIM

O governo Dilma Rousseff é ruim ou péssimo para 65% dos brasileiros, aponta a última pesquisa Datafolha. No levantamento anterior, em abril, a rejeição era de 60%. Avaliação pior só teve o ex-presidente Fernando Collor antes do impeachment, em setembro de 1992.

As medidas do ajuste, tidas como corretas e necessárias, não renderam os resultados esperados na opinião pública. As pessoas não reagem com racionalidade, e o governo não inspira confiança. Os índices apurados na pesquisa refletem o estado de espírito dos brasileiros.

Para azar de todos nós, não só do governo, as perspectivas não são favoráveis. O governo não produz uma notícia boa, reclamou o ex-presidente Lula à presidente Dilma. Inflação e desemprego estão em alta, como consequência de uma recessão resistente e persistente.

Quando o governo toma uma iniciativa, como as concessões de infraestrutura, em seguida vem um revés, como a prisão dos empreiteiros mais importantes do país. Um deles é tido como muito próximo do ex-presidente Lula, que manifestou o temor de estarem chegando perto dele. Para piorar, o congresso do PT, recém-encerrado em Salvador, não trouxe nenhum alento político. A crítica parece ser um apanágio do ex-presidente, que ontem, em seminário no Instituto Lula, afirmou que o PT perdeu a utopia ao crescer e chegar ao poder.

O ajuste fiscal, se bem-sucedido, daria uma sobrevida ao governo, conduzindo o partido até as eleições presidenciais. Mas parece que o governo não obterá um superávit fiscal neste ano e que as metas traçadas terão de ser jogadas cada vez mais para a frente.

O governo cometeu um erro tático ao não realizar, quando era alto o seu capital político, as reformas de que o país precisa. Preferiu, como qualquer partido desprovido de projeto, vender ilusões de bonança e financiar essa quimera com o dinheiro do Tesouro.

A realidade atual é que o dinheiro acabou e, com o crescimento baixo, está cada vez mais difícil tomá-lo do contribuinte.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke

COMPANHEIROS E  
COMPANHEIRAS, O PT  
PRECISA ENCONTRAR  
UMA NOVA UTOPIA!

ALGUÉM AÍ PODE  
FAZER UMA BUSCA  
NO GOOGLE?!



DUKE

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Bumba meu boi é uma ópera popular  
reveladora do inconformismo

As festas juninas resistem, cada Estado apresenta a sua

**A**s festas juninas resistem, notadamente no Nordeste. Cada Estado apresenta a sua marca peculiar de festejar os santos de junho: santo Antônio (dia 13), são João (dia 24), são Pedro (dia 29) e, no Maranhão, também são Marçal (dia 30).

Na ilha de São Luís, há quadrilhas comandadas em francês, tambor de crioula, acuriá, dança portuguesa e batuques de bois pra todo lado nos quatro municípios – Paço do Lumiar, Raposa, São José de Ribamar e São Luís, a capital do Maranhão.

O sonho de todo bumba meu boi é se apresentar nos arraiais da capital, por ser o palco que consagra o sucesso de um boi e faz parte da história transgressora e da cultura de resistência original do boi: uma dança de preto! Gosto tanto de bumba meu boi que criei algumas personagens “boieiras”.

Conforme dona Lô, personagem da política de contos do meu blog “Tá Lubrinando – Escritos da Chapada do Arapari”: “No fundo, no fundo, o que vale num boi não é apenas a cintilância; o que diferencia um boi do outro é o sotaque. No mais, é tudo bumba meu boi... Do mesmo jeitinho da política.

“É, bumba-meu-boi é coisa complexa, não apenas pelo sincretismo e pelas relações de poder que desvela...

“Há muito mais no ‘Auto do Boi de Catirina e Pai Francisco’ do que supõe a nossa vã filosofia... Boi tem ciência. É complexa. É uma ópera popular reveladora do inconformismo e da insubordinação. É toda uma cultura de resistência. Por isso foi proibida pelas elites maranhenses durante um século, porém o povo não deixou o bumba meu

boi, uma dança de preto, morrer”. (Dilma precisa conhecer a São Luís boieira pra entender os sotaques do boi...).

Em “É cantar ‘Chora boi da Lua’ pelos quilombolas...”, dona Lô bradou: “Sabia Estela que, se não fosse a teimosia dos negros, não haveria bumba meu boi? Pois é, durante muito tempo era proibido brincar boi (1861 ou 1868 até 1960) e a polícia prendia na hora os brincantes!

– Eu não sabia!

– Como os bois eram mais de áreas suburbanas e rurais da ilha e não havia

“Boi tem ciência. E é complexa. É reveladora do inconformismo e da insubordinação. É toda uma cultura de resistência. Por isso foi proibida pelas elites”.

polícia que vencesse os batalhões de boi, proibiram apenas de entrar na área central de São Luís, mas eis que o presidente João Goulart, numa visita a São Luís, assistiu a uma apresentação de bumba meu boi e ficou deslumbrado. Afrouxaram a proibição... Depois de um século!”.

Cacá, artista plástica, personagem do meu romance “Reencontros na Travessia – A Tradição das Carpideiras” (Mazza Edições, 2008), chegando à capital nas festas juninas para acompanhar o marido doente, relata: “O pior é que fiz planos de ver um bumba meu boi. Sinto saudades, tenho gratas recordações da beleza cintilante que se despen-

de de um boi, desde as roupas dos brincantes, com os brilhos das sedas, canutilhos, miçangas, paetês, purpurina, plumas e aquele mar de fitas de seda a perder de vista nos chapéus... Sem falar da arte contida no ‘couro do boi’, belo e ricamente bordado.

“Certo dia, vendo TV, apareceram alguns que mexeram profundamente comigo, com aqueles sons inconfundíveis, ora de zabumba, de matracas, de orquestra e batidas de costa de mão. O bumba meu boi é um bailado popular dramático, que não existe na região do sertão onde nasci, é mais da região mais próxima da ilha de São Luís, da Baixada Maranhense, que consiste num auto singularíssimo, com teatro, dança, música e circo, cuja apresentação é em si uma ópera popular, porém semelhante ao de Portugal e ao da África, que conta as relações estabelecidas no período colonial brasileiro”.



DUKE